9

RESPOSTA

DO

ABBADE DE MEDRÕES

A' SEGUNDA CARTA

DE

AMBROSIO A'S DIREITAS,

Na qual se mostra a sem razão com que o seu Author atacou a doutrina do Cidadão Lusitano, e a hypocresia com que pertendeo inculcar se por muito devoto, a quem o não conhecer.

« *Sois hum devoto affectado*, »
« *Contradictorio manhoso*; »
« *Sois hum Corcunda empenado*. »
« *Hum Hypocrita p'rigoso*, »
« *Sois vaidoso por manía*, »
« *Por arte Religionario*,
« *Fidalgo por travessia*, »
« *E em Sciencias plagiario*. »

LISBOA. M.DCCC.XXII.

NA TYPOGRAFIA DE M. P. DE LACERDA.

Senhor Ambrozio ás Direitas.

QUando li a vossa primeira carta logo pelo dedo suspeitei o gigante, que com tanta dexteridade manejava a tranquilha da impostura: mas como na epoca presente tem apparecido muitos gigantes atacando deshumanamente a todos os defensores da verdade, para maior desengano pedí na minha resposta, que se querias continuar a nossa correspondencia declarasses vosso nome, e data, porque sem estes dados não era possivel; e he partido muito desigual querer jogar sempre com o jogo cuberto vendo todas as cartas do parceiro. Se vós fosseis tão direito como presumis, conhecerias a minha razão, e não escreverias mais, ou dirias o vosso nome; mas huma vez que continuais, e não quereis tirar a mascara, não posso deixar de vos dizer, que sois hum Ambrosio torto, e muito torto muito vilhaco, e muito hypocrita.

Se fosses tão bom christão, como dizeis, terias notado os meus erros com mais caridade, e em lugar de vos envergonhar tanto das doutrinas do Cidadão Luzitano terias mais pejo, e maior escrupulo em injuriar o seu Autor com tanto escandalo. Mas ja não he esta a primeira vez, que o vosso orgulho tem atacado outros escriptores mais sabios, e mais virtuosos do que eu: e como estais habituado a insultar a todos os que pertendem distinguir-se na Republica das letras, não he de admirar, que trabalheis á oito mezes para escurecer a doutrina do

meu compendio, vendo que elle tinha merecido a acceitação geral dos homens doutos, e sensatos.

Bem quizera eu poupar-vos o desgosto desta resposta, porque he delirio adquirir inimigos sem necessidade = *Ne quæras inimicos gratis* = mas como vós nesta segunda carta empregaste todo o vosso cabedal, e pela grande alluvião de textos latinos, com que quizestes illustra-la, podeis illudir os leitores de boa fe, e fazer-me passar por hum impio á face da briosa Nação, a quem devo tanto; e muito especialmente da minha provincia, que tanto me tem honrado, vejo-me obrigado a refutar os vossos sofismas, e metter em claro dia a vossa malevolencia misturada com a vossa hypocresia, e confundida com a vossa ignorancia. E para não offender a caridade Christãa, nem seguir o vosso exemplo, occultarei ainda, por esta vez, o vosso nome, mas não será assim para o futuro se teimardes em me escrever: porque nesse caso tenho a meu favor a regra geral = *Scienti & volenti nulla fit injuria* =.

Não cuideis, que vos não conheço: conheço! conheço! e posso affirmar-vos em verdade que nem o perguntei, nem mo disserão: conheço há muitos annos a vossa vaidade, e o vosso orgulho, e estou muito inteirado da vossa hypocresia. Sei que tendes sido aspirante de Mitras, e que ainda não lhe perdestes a esperança; e sobre tudo, o incenso das vossas orações que com tanta devoção rezais todas as noites aos Santinhos do vosso oratorio, encheo de fumo a athomosfera, e cubrio de tal modo os nossos orizontes, que chegou atacar-me o nariz: e a fama das grandes esmolas, que fazeis todos os dias á porta, tem feito tanto estrondo, que os seus écos chegárão a Lisboa; e por mais que a vossa canha

ignore o bem que tem feito á direita, já não he possivel encubrir o vosso nome a quem tem algum conhecimento da vossa empenada pessoa. E porisso ainda que não quizestes tirar a mascara, como vos pedi na minha primeira resposta, eu sei que vós não sois Ambrozio ás Direitas, mas sois Espanhol de nascença, que devias ter hum Dom, e que vos pertence hum Usted: e eu já que no vosso conceito sou hum herege, ao menos não quero passar por impolitico. E como vós sois torto, não quero que vos queixeis de que vos nego o tratamento que vos compete. Portanto ,, vaia usted, Senhor Dom Ambrosio Tuerto, diga-me usted, porque motivo me ha usted enviado una carta tan tuerta, tan empenada, e tan insultadora? ,, Mas em fim ainda que sois Castelhano, como estamos em Portugal, e eu sou Portuguez fallemos portuguezmente.

Sr. Dom Ambrosio Torto, não me dirá, que mal lhe fiz eu para me insultar deste modo torcendo o sentido do meu compendio com tanto dolo, e malicia? Porque abusaes tanto do meu Manifesto? Porque dais ás minhas palavras a significação, que nunca tiverão, nem eu mesmo pertendi que tivessem? Com effeito sempre sois muito velhaco! A natureza não vos assinalou debalde!

Eu disse no meu Manifesto, que estava prompto a exclarecer as dúvidas, que em boa fé me quizessem propor sobre a doutrina do meu Compendio; assim como a receber as instrucções, que me quizessem dar sobre aquelles descuidos, ou erros que podessem apparecer; pois que não sou tão vaidoso, que presuma atinar em tudo. A maior presunção que tenho hé ser amante da verdade, e aborrecer a impostura. Este foi o sentido do meu Manifesto: aclarar as dúvidas, que os homens de boa fé qui-

zessem propor-me, e receber de boa vontade os reparos, que politicamente me indicassem: isto he o que Cicero chamava = *Mutuas reddere vices* = Mas vos abusando do meu Manifesto nem quisestes instruir-vos, nem instruir-me: o que quiseste foi desacreditar-me, denegrir-me, e infamar-me. E sois vós esse homem tão catholico, e tão devoto como vos inculcaes?

Senhor Dom Ambrosio Torto, se vós achasses no meu compendio erros manifestos oppostos á verdade, vós como bom catholico, e Menistro da Religião deverias admoestar-me, e fazer-me conhecer o meu erro, mas tudo isto fraternalmente, e não com impropérios, e zombarias. E com tudo eu vos perdoaria esses insultos, se fallasses com sinceridade, e eu visse que arrebatado de hum certo zelo da Religião tomavas a sua defesa a vosso cargo; mas que? Em lugar de examinar o meu compendio imparcialmente, quizeste de proposito destacar as proposições, e dividir os periodos para lhe dar aquelle sentido, que a vossa maldade vos sugerio, tudo a fim de illudir os incautos. Huma malicia tão crescida não podia ter em vistas o bem dos povos, nem a defeza da Religião. Bem se deixa ver que não tivestes outo fim, que atacar o meu nome para deste modo satisfazer aos impulsos da negra inveja com que sempre odeastes a quelles, que d'algum modo vos podem assombrar; e eis-aqui o motivo que induzio a vossa pena a escrever tantos absurdos; pois não se pode crer que a sangue frio, e sem estar dominado de huma paixão furiosa, escrevesseis tantos delirios. He verdade, que eu nunca vos tive em conta de muito sabio mas tambem não vos contava em o numero dos nescios; mas agora vejo, que tendes unido a huma vaidade exaltada huma malicia suma, e huma igno-

rancia crassa ; pois que nem entendeis Portuguez, nem Latim, nem sabeis em que consiste, o essencial da Religião, que professamos, e da moral que devemos seguir. E para vos convencer desta verdade (se fosse possivel ao vosso orgulho aquiescer á razão) passarei a examinar os periodos mais notaveis da vossa carta, e espero mostrar com a maior evidencia, que os paradoxos, e absurdos de que se acha semeada involvem muita malicia, ou muita ignorancia. Se a primeira, pilão, picaria, e chicote, e se a segunda batecús, e palmatoria.

Cumpre notar primeiramente, que quando toquei nos artigos, de que me arguis não tratei a materia ex proffessó, nem a brevidade de hum compendio admittia explicações mais circunstanciadas. A minha tenção foi só abrir caminho aos homens mais illustrados, para hir pouco a pouco desterrando os abusos que se tem introduzido na nossa Religião, e conduzindo os Cidadãos pela estrada da verdade. Era necessario hum Adail, que roteasse como de novo, os tramites primitivos do Christianismo, e cortasse as Superstições que se tem misturado com a pureza da Fe. Superstições que não pertencendo ao essencial da Religião, tem causado grandes prejuizos aos povos. Eu fui o primeiro atrevido, que uzei publicar certas verdades, que o fanatismo havia escurecido ; e confiado em que a minha doutrina remontando-se aos primeiros seculos da Igreja era bem sabida por todos os homens doutos, disse, que não escrevia para os sabios, mas que o meu compendio tendia só a esclarecer os Cidadãos menos instruidos : vós agora dizeis, que a minha doutrina bem longe de illustrar, só pode confundir, e intimidar os meus patricios, vendo-se indecisos pela inteireza da verdade, que devem seguir.

Mas quem tem a culpa dessa inteireza, que faz trepidar os meus patricios, sou eu, ou sois vós? Eu digo, que nas Imagens não há virtude, e vós dizeis que há Imagens muito milagrosas; qual de nós fallará verdade? Eu digo, que para cumprir com a virtude, e precito da oração não he precizo estar toda huma manhãa na Igreja a mastigar orações sem alguma concideração; porque huma mãi de familias tem que attender pelos seus domesticos, e não he prudencia estar todo o dia na Igreja a orar, e muito menos sem attenção nem devoção; vós dizeis que esta doutrina he heretica; qual de nós terá razão? Eu digo que comer carne, ou peixe não he essencial ao Jejum (salva a lei da Igreja) vós dizeis que a abstinencia da carne he de essencia do Jejum, e por consequencia não há verdadeiro jejum comendo carne; qual de nós acertará? Eis-aqui os tres artigos mais notaveis da vossa carta, a que eu vou responder, não por dar satisfação ao vosso orgulho (porque esse bem sei eu que não dá quartel) mas por que he preciso satisfazer ao público, a quem muito respeito, e deve respeitar todo o homem sensato.

PARTE I.

Sobre o culto das Imagens.

Para se conhecer a vossa maldade bastaria ler a primeira pagina da vossa carta aonde começais logo a mentir dizendo, que eu no meu compendio impugnei a devoção dos Santos. Mente usted, Senhor Dom Ambrosio, mente por quantos dentes tem na boca. As minhas palavras são claras: eu fallei a res-

peito do culto, que se deve dar ás Imagens, e não da devoção que se deve ter com os Santos. Eu ir pugnei a differença que o povo rude costuma fazer entre as Imagens do mesmo Santo, tendo mais fé nesta, do que naquella; e trouxe para exemplo o Senhor dos Paços da Graça, quando a mesma fé me ensina que não ha nelle mais virtude, que nos outros Senhores dos Passos de Lisboa. Huma cousa he a devoção dos Santos, que estão no Ceo, outra a fé que o povo tem nas suas Imagens. Quem póde valer contra a peste, contra os raios, e contra outras molestias não são as Imagens que estão nos Altares, são os seus prototypos que estão no Ceo. A devoção de hum Santo he independente do culto da sua Imagem. Póde qualquer ser devoto de hum Santo, sem ver a sua Imagem, e póde venerar a sua Imagem sem ser devoto do Santo. Logo com que razão, Senhor Dom Ambrosio empenado, pertende usted arguir-me de hum erro que não tive?

Hum homem, que tanto presume de Theologo não deve confundir a devoção dos Santos com o culto das suas Imagens. He de fé, que há Santos no Ceo, e que protegem os seus devotos orando a Deos por elles; mas tambem he de fé que as suas Imagens não tem virtude alguma, nem se deve ter nellas confiança. Manda a Igreja que se venerem as suas Imagens; mas declara que ellas não tem poder, nem virtude. Manda que se venerem, e respeitem com hum culto não absoluto, mas respectivo aos seus originaes (isto he) não pelo que ellas são, mas pelo que representão; mas diz expressamente, que não há nellas Divindade, nem se lhes deve pedir cousa alguma, nem esperar dellas favor algum, declarando, positivamente, que aquelle que tem fé nas Imagens, ou põe a sua confiança nellas, ou espera dellas al-

gum beneficio commette hum erro similhante á Idolatria da cega gentilidade, que punha a sua esperança nos Idolos. Esta he a doutrina da Igreja, definida no Concilio Tridentino Sessão 25. =

„ *Imagines Christi Deiiparæ Virginis, & aliorum Sanctorum in templis præsertim habendas, & retinendas, eis quæ debitum honorem, & veneratiomem impertiendam: non quod credatur in esse aliqua in his Divinitas, vel virtus, propter quam sint colendæ, vel quod abeis sit aliquod petendum, vel quod fiducia in Imaginibus sit figenda, veluti olim fiebat a Gentibus quæ in Idolis spem suam collocabant; sed quoniam honos qui eis exibetur refertur da prototypa quæ illæ representant* = A doutrina não póde ser mais clara: mas como tenho observado das vossas cartas, que não entendeis bem o Latim verterei o texto em Portuguez. As Imagens de Christo, de Maria Santissima, e dos outros Santos devem ser conservadas nos Templos, e dar-se-lhes a honra, e veneração devida: não porque se deva crer, que existe nellas divindade, ou virtude pela qual devão ser veneradas, nem porque se deva pedir, ou esperar alguma cousa dellas, nem porque se deva ter confiança nellas, como fazião em outro tempo os Gentios, que punhão as suas esperanças nos Idolos; mas porque a honra que se lhes dá se refere aos prototypos, que ellas representão. =

A'vista de huma doutrina tão clara, e tão conforme á doutrina do meu compendio, com que razão, meu Ambrosio empenado, me levantastes tantos aleives? Se eu fallei só do culto das Imagens, para que involveis a devoção dos Santos? Eu disse alli, e repito aqui, que as Imagens devem ser veneradas; mas que entre duas Imagens do mesmo Santo ex-

postas pela Igreja á veneração dos fieis não ha, nem póde haver differença alguma: que tanta virtude tem a que está mais rica, como a que está mais pobre, e tanto importa orar diante d'huma, como d'outra, com tanto que se ore com a mesma devoção; porque o favor, ou beneficio que se pede não se dirige á Imagem que está no Altar, mas ao Santo que está no Ceo: esta he a minha doutrina, fundada na doutrina da Igreja; e tudo o que vós discer-des em contrario ou he dolo, ou ignorancia. Por tanto podeis continuar com as vossas devoções, que ninguem vos impede: mas estou bem certo, que não haveis de botar fogo á casa com os morrões das vellas que acendeis no vosso oratorio, nem haveis de emagrecer com os jejuns que dedicais a esses Santinhos, nem os pobres hão-de engordar com as esmolas que dais á vossa porta. = Arre burro! Quem te não conheccer, que te compre, que eu bem te conheço! =

Dizeis na pagina 3. que a minha doutrina vai perturbar o socego espiritual do povo, e que sendo eu hum Parrocho não devia escrever huma doutrina tão dissonante. Ah grandecissimo velhaco, e quem tem a culpa dessa trepidação? Eu, defendendo a verdade, ou vós protegendo a impostura? Deve hum Parrocho desenganar os seus freguezes, ou deve illudillos com a Hipocresia?

Ora dizei-me em boa fé: a Imagem de Santo Antonio, que está na vossa Igreja tem mais virtude, que aquella que está na minha? Vede bem o que respondeis? Nada de tergiversações: ou tem, ou não tem. Eu leio na vossa carta na citada pagina = que se não deve crer, que ha virtude alguma nas Imagens, nem se deve ter confiança nellas, nem esperar dellas cousa alguma. = Logo com que razão

condemnais a minha doutrina? Se vós dizeis o mesmo, que eu digo porque hei de ser eu herege, e vós catholico! ora isto só com lama!

Vós dizeis na pag. 9 = he com effeito huma verdade incontestavel, que todas as Imagens são intrinsecamente destituidas de virtude, mas não se segue por isso, que não possão fazer algnns milagres = Ora entendão lá esta doutrina! Não ter virtude, e fazer milagres, isto só póde caber na cabeça de hum empenado: hum homem direito não póde ser tão contraditorio. Não ter virtude, e fazer milagres! Quem ouvio já mais hum absurdo tão monstruoso? Se ellas não tem virtude intrinseca, e fazem milagres, então hé porque a virtude está no vestido? ou no verniz? Eu tenho ouvido na minha vida muitas asneiras; mas esta he mui desmarcada. Diz: que bem póde ser que Deos se valha dellas como instrumento para fazer milagres: e que tal he esta? Isto he suppôr que Deos he hum facultativo, e que as Imagens dos Santos são os instrumentos da sua arte. Por exemplo: quer Deos a rogos de S. Braz tirar hum osso, que se atravessou na garganta d'hum seu devoto, e vale-se da sua Imagem como d'huma velinha de cera para lho impurrar para o buxo. O' meu Ambrosio dos Ambrosios, que sempre dissestes muitos despropositos!

E com tudo eu ainda quizera desculpar a vossa ignorancia, se todas as Imagens podessem servir para instrumentos de fazer milagres; mas vós pertendeis, que nem todas as Imagens possão servir para esse fim. E trazeis por exemplo a Imagem do Sr. dos Passos dizendo que se não segue, que todas as Imagens dos Senhores dos Passos sejão igualmente milagrosas, porque Deos se dignou obrar os seus milagres só pelo Senhor dos Passos da Graça. = Na

verdade não sei como vos coube na cabeça tanta parvoice ! Porque razão será aquelle Senhor mais milagroso que os outros ? Será talvez por ser mais bonito, como tollamente dizeis na pagina 13 ?. Mas elle não tem mais que huma cabeça, humas mãos, e huns pés encaixado tudo em huns páos, que lhe servem de armação, cubertos com huma tunica, e atados com huma corda. Isto mesmo tem os outros Senhores : logo porque será esta Imagem tão milagrosa ? Se elle tem o mesmo, que os outros, se todas representão o mesmo original, se as orações, que se lhe rezão não são dirigidas ás Imagens, mas ao mesmo Senhor, se em nenhuma dellas ha virtude, se o mesmo Senhor he igualmente representado em todas em geral, e em cada huma em particular, que motivo, ou que razão ha para se dever crer, que esta he milagrosa, e aquella não ? Porque ha-de Deos ouvir as orações dos Christãos diante desta, e não diante daquella ! O' Ambrosio dos Ambrosios ! Fanatico mór dos Fanaticos !

Se vossa devota Mãi quando vos ensinou as suas devoções vos ensinou esta doutrina, eu a desculpo, porque era mulher, e tendo sido creada com estas lições não admira, que assim o entendesse ; mas que vós presumindo tanto de sabio, e de Catholico, dissesseis tantas heresias, isto faz pasmar. Quanto póde o cego Fanatismo ! Digo herezias ; porque quem defende a doutrina reprovada pela Igreja he hum herege, ou seja formal, ou material. Ora dizendo vós que ha Imagens milagrosas, e que esta tem mais virtude que aquella, e que se deve ter por herege quem impugnar esta doutrina, he evidente, que sustentais huma proposição reprovada pela Igreja, quando declarou = que nas Imagens não ha Divindade, Poder, ou virtude alguma ; que ellas nada podem fazer, e que nada se deve esperar dellas. =

Se he esta a doutrina, que se deve ensinar a respeito das Imagens, se esta he a verdade que se deve annunciar aos Povos, segundo o espirito da Igreja, porque razão hei-de eu ser tão altamente arguido de a ter publicado no meu Compendio? Qual de nós perturbará mais a paz, e o socego dos Povos? Eu, annunciando a doutrina, que a Igreja tem definido, ou vós querendo continuar a illudillos com a vossa hipocresia? Sabeis porque os meus patricios trepidão no caminho da verdade? A culpa he vossa, e d'outros impostores similhantes, que em lugar de lhe ensinar a verdadeira doutrina = *ad fabulas autem convertuntur.* = Eu digo que se devem venerar as Imagens; mas que nellas não ha virtude, e tanto vale orar diante desta, como daquella que he do mesmo Santo, com tanto que se ore com a mesma devoção; vós dizeis que isto he heresia, qual de nós fallará verdade? Se a minha doutrina he verdadeira, porque hão-de trepidar os meus freguezes ouvindo a verdade? Todo o homem ama naturalmente a verdade; e se não a segue he por ignorancia, ou temor, ou conveniencia. Em materias de Religião o maior obstaculo he a ignorancia: e huma das maiores causas da ignorancia dos Povos em materias de fé he a differença de opiniões que ha entre os Theologos, e muito especialmente entre os Parochos, que são os mestres dos povos. Se os Parochos fossem conformes na sua doutrina, se todos fossem igualmente instruidos, elles ensinarião as mesmas normas de virtude, e os Povos marcharião de acordo, e não trepidarião tanto no caminho da verdade, como vós dizeis.

Mas porque a Igreja diz: que o Christão se confesse ao menos huma vez no anno, e commungue na Paschoa: Insurge d'alem hum Parocho, e diz: o

Christão deve commungar ao menos huma vez cada mez. Diz outro: isso he pouco, deve commungar cada oito dias. Diz outro: isso he pouco, deve commungar todos os dias: e como ninguem se deve presumir tão perfeito, que possa commungar todos os dias sem se confessar a miudo, deve confessar-se todas as semanas huma vez, e podendo ser, duas. No meio desta variedade de opiniões, que ha-de fazer o povo rude, senão trepidar indecizo sobre a estrada da verdade? Eu fundado nos Concilios, e constituições Diocesanas impugnei no meu Compendio a exposição do Sacramento todos os dias. O meu sentido era para que o povo olhasse com mais respeito para hum Mysterio tão alto, e que faz o maior esplendor da Igreja; sendo certo que a domestica frequencia faz perder muito daquella veneração, e acatamento com que se adora exposto mais raras vezes. Immediatamente insurgio de todas as partes huma turba de fanaticos gritando, que eu era hum herege, que reprovava a devoção do Santissimo Sacramento. Eu sei, que vós mesmo declamastes em outro tempo contra a Communhão quotidianna, e que hum dos argumentos era não ser compativel com o respeito devido a tão Augusto Mysterio, a sua nimia frequencia: e agora sois vós, o que tendes invectivado mais contra o meu Compendio, por allegar o mesmo argumento. A'vista desta inconstancia, que ha-de fazer o povo se não trepidar no caminho da verdade? Eu digo no meu Compendio, que as Imagens do mesmo Santo tem todas igual merecimento: esta verdade he incontestavel: e reconhecida por vós mesmo na pagina 9, e não obstante pertendeis sustentar, que huma póde ser mais milagrosa, que a outra, e que eu dizendo o contrario perturbo o socego espiritual dos meus patricios. Ora caravina d'Ambrosio!!!

Na pagina 4 dizeis: que errei quando disse, que era obrigatorio. Isto he o que se diz: ler, e não entender. O periodo do meu Compendio diz assim: nenhum christão catholico póde negar que he licito venerar as Imagens de Christo, de Maria Santissima, e dos mais Santos expostas pela Igreja á veneração dos fieis: os quaes devem adora-los com a mesma veneração, e respeito devido aos seus originaes. Ora dizei-me em boa fé, que achais neste periodo que mereça a vossa censura, e huma censura tão azeda?

Vós descubris tres erros de que me julgais reo, e de que me fazeis huma grande carga. 1.º Que o culto não só he licito, mas de preceito. Vinde cá malvado hypocrita, que outra cousa digo eu naquelle periodo? Não digo na primeira parte que he licito, e na segunda que he hum dever? Para que sois tão velhaco? Porque notais a primeira parte, e não fazeis cargo da segunda?

Além de que, se eu sou Luterano por dizer, que he licito, deveis dizer o mesmo do vosso Ferraris, donde extrahistes aquella enfiada de textos, que tão miseravelmente applicastes. Por quanto no artigo 23. = *de cultu Imaginum* = usa elle da mesma palavra = *Sacræ Imagines Dei Christi, Angelorum, & Sanctorum licite adorantur* = E o Concilo Lugdunensi = *Licitus est cultus Imaginum.* = Acaso ignorais os grandes debates que tem havido na Igreja por causa das Imagens? Não sabeis, que se disputou por muito tempo, e muitas vezes, se era licito o culto das Imagens?

Vós não podeis ignorar que na Lei antiga era este hum artigo prohibido com o maior rigor, apezar de que o vosso Ferraris quer que já então houvessse Imagens. Porisso quando os primeiros

Christãos começárão a fazer algumas, muitos se opuzerão dizendo era Idolatria. E depois de muitos annos de guerras, em que se derramou muito sangue, definio a Igreja que fosse permettido esculpir Imagens, te-las nos Altares, e render-lhe culto relativamente aos seus originaes. Correndo os tempos, e propagando esta devoção por toda a Christandade, alguns recusavão dar-lhe culto, e entrou em questão se devia, ou não ser obrigatorio. Porque alguns dizião, que embora o povo as adorasse, mas que ninguem fosse obrigado adora-las. Então a Igreja definio, que não só era licito, mas que era obrigação; e aquelles, que recusassem dar-lhe culto fossem punidos. Mas que os Bispos tivessem cuidado não passasse este culto a ser supersticioso, como declara o Tridentino. Eis-aqui porque no dito periodo disse eu, que era licito o culto das Imagens, e que os Christãos as devião adorar com hum culto respectivo aos seus originaes.

Em segundo lugar notasteis, que eu confundi adorar com venerar. Este reparo he chicana: mas chicana filha legitima da vossa ignorancia. Se vós entendesseis melhor o Latim., acharieis, que estes dous Verbos são sinonimos. (Talvez que não entendais o que he ser sinonimos, mas eu o digo:) sinonimos quer dizer, que ambos tem a mesma idéa, isto he, a mesma significação; e mais claro ainda (para que possais entender bem) quer dizer, que adorar, vale o mesmo que venerar. E posto que em rigor possa haver alguma differença entre adoração, e veneração, com tudo, os Theologos, a Igreja, e a mesma Escriptura usão destes dois verbos na mesma accepção. Lede o vosso Ferraris 32. que diz: = *Imagines Sanctorum esse adorandas* = E na elucidação deste artigo diz = *Sacram Christi effigiem*

venerantur = Ali tendes vós o adorandas applicado ás Imagens dos Santos, e o venerantur á Imagem de Christo. Em quanto á Igreja basta lembrar do segundo verso do Tantum ergo, aonde o veneremur se canta ao Sacramento; e em quanto á Escriptura basta ler o livro 4. dos Reis cap. 16. que diz = *vidit Altare, et veneratus est illud* = e no cap. 18. = *Altare hoc adorabitis* = Sendo pois estes dous verbos sinonimos na linguagem dos Theologos, para que me arguis com tanta ousadia? para que vos metteis a esperto marcando a differença de adoração, á veneração (pag. 5) se vós não entendeis o concilio? Híde para huma aula de Latim mais cinco annos, e depois fallaremos.

Em 3.º lugar dizeis que eu confundí as trez especies de culto sem fazer distinção do que se deve a Deos, daquelle que se deve aos Santos. Porventura quando no meu Compendio toquei esta materia por incidente deveria fazer hum ritual? Que mais devia eu dizer do que mostrar, que as Imagens devem ser adoradas com a mesma veneração, e respeito que se deve aos seus originaes? Quando assim fallei não dei a Deos a que he de Deos, e aos Santos a que he dos Santos?

Eu entendo que vós quizesteis lançar mão deste artigo para ostentar de rítos ecclesiásticos, e de continencias militares. Mas eu não duvido dizer que tanto entendeis de huma cousa, como d'outra. Fosteis buscar a Constituição do Porto para definir o culto de Latria, e mostrar que a quelle he o que se deve ao Sr. dos Passos da Graça. Com effeito nunca cuidei, que éraes tão asno! Eu tinhavos por um homem sisudo, velhaco sim, e hypocrita muito empenado, mas não podia presumir, que sahisse dessa caximonia tanta asneira! He de mais. Eu bem

sei, que não ha ninguem, sem o seu bocado d'asno, mas vós sois asno de mais: ora não me direis em consciencia que tem a Constituição do Porto com a continencia militar, que o Governo mandou fazer ao Senhor dos Passos da Graça? He verdade, que a Constituição manda adorar com o culto de Latria as Imagens de Christo com referencia ao seu original, mas he precizo entender o sentido em que ella falla, he precizo entender qual he o espirito da Lei para se applicar a proposito: mas vós como sois muito material entendeis pouco de espirito. Entretanto ainda que vós não quereis a minha lição, não tenho outro remedio se não dala, porque eu não posso soffrer em silencio tanta parvoice de mistura com tanta basofia.

Prescindindo agora das trez especies de culto bem sabidas por aquelles, que lerão o Padre Mestre Larraga, e até a cartilha do Padre Ignacio; fallarei só do culto de Latria. O culto de Latria ou he público, ou particular. O particular he hum acto de Religião radicado no interior da alma, com a qual reconhecemos a existencia de Deos, e a sua Excellencia sobre todas as creaturas, pondo nelle toda a nossa confiança, e esperando delle, e só delle todo o nosso bem, dirigindo-lhe as nossas orações com humildade, e rendendo-lhe as nossas adorações com todo o respeito. E como este culto interno deve ser tambem acompanhado de alguns sinaes exteriores, que possão dar a conhecer os sentimentos d'alma, estes costumão ser differentes segundo os usos, e costumes das Nações. Entre os Chirstãos os sinaes mais recebidos são: erguer as mãos juntas ao peito, bater nos peitos, prostrar de joelhos, e outros similhantes. Nas comunidades Religiozas há outros costumes; mas quaes

quer que sejão, a verdadeira adoração deve nascer do Espirito; pois como diz S. Paulo: Deos he Espirito, e em espirito, e verdade deve ser adorado.

Este he o culto, que se deve a Deos, e a Jesu Christo como filho de Deos, e Deos mesmo, e ao Santissimo Sacramento por estar nelle a Presença Real de Jesu Christo Sacramentado. Ora em rigor o culto de Latria só he devido a estes objectos, pois que só nelles existe a Divindade, só a Divindade tem direito ás nossas adorações, e só della devemos esperar todos os beneficios, que precizamos, e podemos pedir. Porém a Igreja quiz tambem que por huma especie de obsequio a Jesu Christo rendesssemos o mesmo culto á Santa Cruz pelo contacto fisico que teve com o Corpo, e Sangue do mesmo Christo; ás outras Cruzes, por serem signaes reprezentativos daquella, e ás Imagens de Christo como representantes do mesmo Senhor.

Eis-aqui em que consiste o culto de Latria de que fallão os Theologos, e a Constituição. Todas estas circunstancias, de que tenho fallado devem entender-se do culto particular; mas em quanto ao culto público he muito diverso. Elle consiste em certo cerimonial, que a Igreja tem ordenado para celebrar todas as funções concernentes ao culto público, cujo ceremonial não he licito alterar.

No culto particular póde cada hum adorar a Deos de joelhos, ou de pé, com as mãos postas, ou estendidas, e ainda mesmo estando na cama, segundo o permittirem as circunstancias; mas o culto público ha de ser segundo o rito ordenado pela Igreja. E segundo este nem Cruzes, nem Imagens tem honras de Sacramento. A Igreja atégora ainda não

mandou, que se desse ás Imagens de Christo sejão dos Passos, ou do Calvario, sejão da Graça ou do Desterro, as mesmas honras, e o mesmo culto, que manda dar ao Sacramento. O Sacramento se está no Sacrario deve ter pelo menos, huma alampada permanente; se está no Trono deve estar com a decencia determinada pelas constituições Deocesanas: e se sahe em procissão ha de ir debaixo do pallio com incenso, e certo numero de clerigos. A Igreja tem ordenado hum rito especial para as suas Solemnidades, e hymnos, e orações para se cantarem nas suas festas. Nada disto succede nas procissões do Senhor dos Passos, e d'outras Imagens de Christo. Logo: em vão citasteis os vossos Theologos, e a Constituição do Porto; pois que o culto de que ella falla não tem relação alguma com o culto público ordenado pela Igreja; e muito menos com a continencia militar ordenada pelo Governo em obsequio do Senhor dos Passos da Graça.

Aqui tendes a razão porque notei no meu Compendio, que se mandasse dar áquelle Senhor o culto, que não lhe compete, segundo o rito da Igreja. Prostrar as armas em adoração, e abater as bandeiras he continencia ordenada desde antigos tempos para adorar o Sacramento; e mandar agora que se faça a mesma ao Senhor dos Passos acho improprio, e cheira a superstição, por se lhe dar hum culto, que segundo o rito da Igreja, só compete ao Sacramento.

Todavia eu não teria notado este excesso, se o Governo mandasse fazer a mesma continencia aos mais Senhores dos Passos de Lisboa nas suas procissões respectivas. Pois ainda que ella foi instituida para adorar o Sacramento, como não he rito

Eclesiastico pode o Governo altera-lo: o meu reparo foi só por ver a diferença, que se fazia desta Imagem ás outras, sem motivo justificado. Vós porem sois mui velhaco quando dizeis, que a ordem foi geral, e que no Compendio não se declara a excepção. O' Torto malvado! E não te envergonhas de mentir tanto? Dizes que tens vergonha de ler o meu Compendio, e não tens pejo de dizer tanta mentira? Ah! bem sei, porisso não queres descubrir o nome, porque queres mentir, e insultar impunemente. Porem eu bem te conheço, conheço, conheço. . . .

Na pagina 6. notaes haver eu dito, que o povo rude se governa mais pela vista, doque pelo discurso; e dizeis que não entendeis bem o sentido da minha proposição; e creio tãobem que esta foi a unica verdade, que dissesteis na vossa carta: Porque se vós entendesseis o Concilio no mesmo lugar, que citasteis pag. 6. acharieis, que huma das causas mais principaes, que moverão a Igreja a decidir o culto das Imagens, foi para que estes espelhos de virtude servissem de exemplo aos fieis; os quaes vendo pintados nos paineis os Misterios da nosssa Redempção se lembrassem dos grandes beneficios, que devemos ao Nosso Redemptor; e vendo nas mãos das Imagens os emblemas, e trofeos das suas virtudes regulassem as suas acções por taes modelos: = *Non solum quia admonetur populus benificiorum & munerum, quæ a Christo sibi collata sunt, sed quia per Sanctos salutaria exempla oculis fidelium subjiciuntur, ut pro his gratias agant, ad Sanctorumquæ imitatianem vitam, moresquæ suos componant* = *Trid. loc. cit.* = Ora se vós entendesseis Latim acharieis naquella oração = *Sed quia per Sanctos salutaria exempla oculis fi-*

delium subjiciuntur = a razão porque eu disse que o povo rude, que não sabe ler, ou não entende o que lê (Sicut vos manquejat de hum olho) se rege mais pelo que vê, doque pelo que ouve.

Na pag. 8. Notaes de rediculo ter eu reparado nas grandes despezas, que se tem feito no culto das Imagens, nos Templos sumptuosos, e nas festas dos Santos; e daqui tiraes por consequencia, que eu comdeno os Templos, e as festas dos Santos. Tão desgraçada he a vossa Logica! Meu amigo, quem nasceo torto, tarde, ou nunca se desempena; e muito menos na época prezente, quando são tantos os empenados! Segundo a vossa Logica aquelle, que comdena o luxo no vestir condemna toda a casta de vestidos; aquelle que condemna o luxo das mezas condemna toda a casta de comer. Que buena Logica Senhor Dom Ambrozio!

Não seria mais prudente, que em cada freguezia houvesse só huma Igreja, bem decente, e ornada, aonde os officios Divinos fossem celebrados com decóro, e as Imagens estivessem com asseio; aonde os devotos cumprissem as suas promessas, e satisfizessem as suas devosões, e aonde os freguezes concorressem nos dias festivos a ouvir a voz do seu Parocho, e que ali se instruissem nos deveres para com Deos, e para com os homens? Náo seria tudo isto mais prudente, doque vermos a cada passo e em cada freguezia trinta Capellas, trinta Ermidas, quarenta nichos sem decencia, e sem asseio, servindo de oprobrio aos Christãos, e de irrizão aos hereges? vendo andar os Santos pendurados do pescoço dos Ermitões pedindo pelas portas, e dormindo pelos palheiros, e cavalhaices? Talvez, que vós approveis isto, porque temos visto, que tudo o que he absurdo he muito analogo ao vosso bestunto.

De mais: na Lei antiga em toda a Jerusalem não havia mais, que hum Templo, e nem porisso deixava de haver Santos. Nos tres primeiros Seculos da Igreja não havia Templo algum público, e foi quando houve mais Santos. Depois que Constantino deo paz á Igreja, e se franqueou o culto público os Chrisãos contentavão-se com as suas Parochias, e essas mesmas em geral bem pobres, e não deixavão de ser bons Christãos. No principio da Monarquia Luzitana não havia em Portugal mais de quatro, ou cinco Mosteiros Benedictinos, e outras tantas Ermidas por todo o Reino, e nem por isso os nossos avós deixavão de ser bons Christãos: tomáramos nós ser hoje tão bons como elles erão! Então começou a sobresahir mais a devoção dos nossos Reis, e o seu exemplo induzio os vassallos a hum tal excesso de conventos, que já no tempo de D. Pedro segundo se tratou da sua reforma, representando as Cortes do Porto, que era precizo reduzi-los, porque o Reino naõ podia com tanto. A reducçaõ não se fez então, e depois o seu numero tem augmentado cento por cento. E que diremos nós de tantas Igrejas, Capellas, e Ermidas? Se vós achais ainda poucas, ninguem vos prohibe fundar mais, com tanto que seja á vossa custa.

Vós accusais-me maliciosamente dizendo, que eu impugnei a devoçaõ, que algum póde ter de fundar huma Capella em honra de algum Santo; mas he tanto ao contrario, que na pagina 55. declaro, que não reprovo a cada hum erigir as Igrejas, que bem quizer; o que não posso approvar he fundar hum Templo com muita grandeza, e pôr logo a Imagem do Santo a pedir pelo Mundo. Isto he o que não posso approvar; por ser contra o espirito da

Igreja, e mesmo indecoroso á Religião. E porisso quizera eu que esse devoto, que pertende erigir torres tão altas as deixasse ficar mais baixas; e o que havia de gastar na altura, o empregasse em estabelecer hum fundo para a decencia do culto. Isto entendo eu; mas empregar toda a riqueza no palacio, e ficar seu dono toda a vida a pedir, não quadra com o meu modo de pensar. E se vós queixais de mim por impugnar d'algum modo similhantes funcções, queixai-vos antes das Leis do Reino, que indirectamente as prohibem, quando não lhe consentem estabelecer patrimonios. Se vós declamasseis contra esta legislação, que manda tirar ás Igrejas os seus fundos, e contra os Provedores, que em geral tem feito violencias sem conto, parece-me que terieis mais razão. Em quanto ao meu Compendio pouco póde obstar a este abuso.

Além disto, eu declarei no apendice pag. 3. Que he muito justo que cada hum edifique os Templos, e Ermidas, que quizer; mas que seja do seu; que d'outra fórma he devoção mal entendida. E dizendo vós isto mesmo na pag. 8. alli mesmo me arguis, de que prohibo a cada hum dispor de seus bens, e que a poucos passos lhe prohibirei dar esmolas. Com effeito sempre sois muito máo homem! Dizer vós o mesmo, que eu digo, e querer que o mundo vos tenha por hum Santo, e a mim por hum Demonio, he huma maldade, de que haverá bem poucos exemplos!

Se vós fosseis mais sincero, e menos velhaco, melhor Christão, e menos impostor não lançarieis tanto veneno na doutrina do meu Compendio: vós mesmo reconhecerieis a razão, com que fallei em Mafra, e na Estrella. Eu seria muito nescio, e mereceria huma reprehensão sevéra, se duvidasse da

grande piedade dos nossos Reis. Sei muito bem as Santas, e virtuosas intenções da nossa Augusta Rainha D. Maria I. Sei, que tanto ella na Estrella, como o Sr. D. João V. em Mafra procederão de boa fé. Mas quem póde negar, que tanto huma, como outra, foi huma devoção mal entendida? Eu estou persuadido, que a obra de Mafra não terá custado menos de quarenta milhões, e a da Estrella tenho ouvido, que andou por treze: porque nestas obras he mais, o que se furta, que o que se gasta. E quem pagou toda esta enorme despeza? Não foi a Nação? E que bem resultou ao público? Sabeis qual foi? doze contos de reis, que agora são necessarios todos os annos para conservar aquelle promontorio Mafrense; porque não parece justo deixar arruinar hum edificio de tanto nome; e na Estrella outro tanto para a conservação do Convento, e manutenção de 20 freiras, que podião muito bem rezidir em outro qualquer Convento dos muitos, e bons que ha em Lisboa. Eis-aqui o rezultado de tanta despeza, e de tão ferverosa devoção. E não teria sido mais prudente ter feito huma Capella Real com a magnificencia digna de hum Rei para a sua Augusta Pessoa, e para a sua Real familia? Meu Dom Ambrosio deixemos imposturas, fallemos claro. Ou vós sois asno de mais, ou haveis de concordar commigo. Para se venerar huma Imagem não he preciso estragar huma casa, ou arruinar hum Reino, ou vexar, e opprimir huma Nação com tributos. Quem quizer fundar Igrejas, ou Conventos gaste do seu, e estabelleça-lhe fundos para a sua conservação, e decencia do culto; e se não tem meios, ou o Governo não lho consente, deixe-se disso. Colloque na Matriz a Imagem do Santo da sua devoção, e contribua, quan-

to puder, para o culto Divino na sua Parochia. Todas as mais devoções d'obras pias, que não se fundarem nestas bazes, são devoções mal entendidas.

Vós dizeis, que estas despezas não forão causa da divida pública, nem augmentárão a miseria de Portugal. Eis-ahi o que he fallar sem conhecimento de causa; e quem falla sem saber o que diz fica muito exposto a errar. Porisso recommenda o Espirito Santo a todos os falladores que não queirão fallar temerariamente; e que quando quizerem fallar, aprendão primeiro o que hão-de dizer = *Antequam loqueris, disce* = Se vós tivesseis aprendido esta lição, não dirieis que estas devoções não augmentárão a miseria pública. Mas em fim deixemos estas lembranças: agora não ha remedio senão conservar o que está feito.

Isto que disse a respeito dos Templos, digo igualmente a respeito das festas. Eu disse na pagina 55. que festejar os Santos com huma solemnidade decente, e segundo o rito da Igreja, sem fausto vaidoso, nem luxo profano, não só era louvavel, mas podia ser estimulo de devoção para as pessoas de boa fé; mas que andar a pedir esmolas para gastar em foguetes, corridas de touros, e cavalgatas era hum absurdo filho legitimo da ignorancia, e do fanatismo. Similhantes espectaculos não tem relação alguma com o culto dos Santos; faça-os embora quem quizer, mas não ande com o Santo pelas ruas a pedir esmolas em seu nome para objectos inteiramente profanos. Eu creio que todo o homem, que tiver dous dedos de testa não póde condemnar esta doutrina, mas vós, que em lugar de dous dedos de testa tendes dous palmos de nariz, em lugar de discorrer com verdade lancais os ranhos sobre as verdades mais puras.

Isto se verifica cada vez mais quando dizeis, que o povo não tem mais fé em huma imagem por essa estar rica; que isso he hum absurdo, que só podia entrar na minha cabeça; pois que muitas vezes se tem visto concorrer o povo ás Imagens pobres. Mas eu quizera perguntar-vos, qual he a razão, porque o povo tem mais fé no Bom Jesus do Monte, do que nas outras Imagens do Senhor Jesus? Eu tenho na minha Igreja huma bella Imagem do Bom Jesus, que he o Titular; a minha fé ensina-me, que elle tem a mesma virtude, que o Bom Jesus de Braga, e que merece o mesmo culto, a mesma devoção, e o mesmo respeito; e eu assim o ensino aos meus freguezes. Mas apezar das minhas insinuações elles correm a Braga a fazer huma jornada de quinze leguas com incommodo das suas casas, e familias, gastando muitas vezes o que não he seu, e não fazem caso do Bom Jesus da freguezia. Qual será pois o motivo de terem tanta fé naquelle, e tão pouca neste? Eu creio, que não póde ser outro do que a fama do seu nome adquerida pela magnificencia do seu Templo. He verdade, que o povo não concorre directamente só pelo atractivo da sua magnificencia; mas acostumado a ver no Mundo, que as pessoas, que vivem em melhores palacios, e tem mais riqueza são as mais poderosas, faz a mesma idea a respeito das Imagens.

Dizeis vós que se tem visto muitas vezes concorrer o povo com grande devoção ás Imagens pobres; e que pela affluencia dos seus milagres forão collocadas em Templos magnificos, que a piedade dos fieis lhe edificou pela grande concorrencia das esmolas dos seus devotos. Mas he preciso não confundir as Imagens, que estão por esses Conventos,

e Ermidas mandadas fazer pelos monges, e outros devotos, com aquellas, que tem apparecido pelos buracos das rochas por esses montes. Em quanto ás que estão pelas Ermidas vereis, que se a Ermida he pobre os passageiros nem o chapeo lhe tirão, e se he rica todos a respeitão. Mas as que forão achadas logo se reputão milagrosas: o povo entende que este achado foi milagroso, e basta este supposto milagre para crédito da Imagem.

Se os homens pensassem com mais reflexão conhecerião, que a apparição d'huma Imagem no buraco d'huma rocha não contem milagre, nem mysterio. He claro, que ella não veio do Ceo; he claro que he obra dos homens; e he evidente, que alguem a metteo alli. Esta verdade he visivel a todas as luzes. Mas o povo rude, que não quer ter o trabalho de reflexionar, nem sabe discorrer, acha mais facil acreditar tudo, o que lhe dizem: e como sempre ha hypocritas, que querem comer á conta dos milagres, dizem, e augmentão o que lhe vem á cabeça.

He bem sabido, que na invasão dos Mouros, que occuparão no seculo setimo Portugal, e Espanha os Portuguezes, e Espanhoes fugindo para os altos montes levárão comsigo as Imagens de sua devoção, especialmente de Christo, e Nossa Senhora; e as esconderão aonde bem lhes pareceo para os livrar dos insultos dos Mouros. Com o correr dos tempos tem apparecido algumas: os nossos avós atribuindo a milagre estas descubertas procurarão honra-los do modo, que a sua devoção lhe inspirava. Daqui nasceo haver em Portugal, e Espanha muitas Ermidas dedicadas a Imagens, que se dizem milagrosas.

Alem destas ninguem ignora, que em todos os

tempos tem havido impostores, que abuzão da boa fé dos povos para os enganar com milagres fingidos. Bem sabido he aquelle facto acontecido com Xisto 5.º quando mandou queimar hum Ermitão, que tinha mettido sangue na cabeça d'hum Santo Christo para simular que chorava lagrimas de sangue. Destes impostores não tem faltado entre nós em todos os tempos. Na minha provincia em huma pequena Villa, que chamão Sezulfé ha cincoenta annos appareceo hum Santo Christo no aqueducto de huma fonte no campo: reputou-se por grande milagre; concorreo muita gente de varias partes; mas o Bispo de Miranda passando logo a examinar o caso descubrio a impostura achando, que huma mulher da mesma villa o tinha levado alli com o fim de illudir o povo para certos arranjos, que intentava.

Se o Superior Ecclesiastico deste Patriarcado, quando appareceo a Imagem da Senhora da Conceição na Lapa da ribeira de Jamor na freguezia de Carnaxide, passasse immediatamente a conhecer deste facto, talvez teria descuberto o seu Author.

He determinação do Concilio de Trento, que ninguem possa dar culto a huma Imagem achada, ou descuberta de novo, sem que primeiro seja reconhecida, e approvada pelo Bispo da Deocese, a quem compete esta averiguação; e prohibe, que se admittão, ou publiquem novos milagres, sem approvação do mesmo Bispo. He doutrina expressa no cap. das Imagens Sess. 25, e alli se ordena aos Bispos, que descubrindo-se alguma Imagem, ou publicando-se alguns milagres de novo, fação convocar logo huma Junta de Theologos, e varios doutos, e fação examinar a verdade, e desterrar todos os abusos: e suscitando-se alguma dúvida, ou ques-

tão mais grave, partecipem ao Metropolitano, para que faça convocar hum Concilio provincial, e alli se possa discutir, e julgar: e que as suas actas sejão remettidas á Sé Apostolica, para serem approvadas pelo Pontifice Romano: de sorte, que nada de novo, ou desusado se introdusa na Igreja, sem approvação do Papa. São termos expressos no citado Capitulo. E a Sagrada Congregação dos Bispos, e Regulares em 1603, e a Trevicana em 1621 referindo-se á mesma doutrina diz „ que se não publiquem milagres de novo, sem serem approvados pelos Bispos. „ E que, se se publicarem algumas Imagens milagrosas, sem proceder o juizo do ordinario, o mesmo as poderá fechar; e subtrahir á veneração publica, até que feitas as diligencias necessarias as dirijão á Sé Apostolica. „ Assim o declara Ferraris no tratado das Imagem, e a razão he obvia. Hum milagre he facto superior a todas as Leis da natureza, impossivel a toda a Creatura, e só possivel ao Creador. He perciso ter muita conta com milagres, e não ser nimiamente credulo. Hum milagre, e provado como tal, he huma prova irrefragavel da virtude do Santo, e da verdade da Religião: elle póde a calmar todas as dúvidas, e todos os escrupulos, que possão occorrer á consciencia dos homens prudentes, e que desejão atinar. E pelo contrario hum milagre fingido, e publicado sem fundamento, ou manejado pela impostura, faz perder muito do credito, que se deve á Religião, e dá occasião aos hereges para mofar da nossa credulidade.

Ora se se fizesse hum exame judicial, qual demanda o Concilio, sobre o descubrimento, e milagres da Senhora da Lapa da Ribeira de Jamor, talvez não appareceria hum só que se devesse julgar

verdadeiro ; e a sua descuberta , bem longe de ser milagrosa , talvez que se julgasse ter sido m anejo da impostura.

Eu por mim não vi o sitio , nem a Imagem ; mas pelo que tenho ouvido a muitos homens prudentes , alli não apparecia nada de milagroso ; antes havia alguns dados para prezumir , que ella fôra alli mettida por certo homem , cujo nome me declarárão ; mas eu não quero entrar nessa averiguação , nem me pertence. Porém , segundo a descripção que fez o Author da Memoria intitulada = Memoria de huma Lapa descuberta em 28 de Maio de 1822 &c. = parece o facto bem suspeitoso , e o Author inconsequente na sua narrativa. Diz elle : Que sete rapazes andando a nadar no rio descubrírão hum coelho , que lhe fugio para huma toca , e que querendo metter huma cadella dentro da toca para o appanhar , como o boraco era pequeno , tirando alguma terra com as mãos , introduzírão a cadella. Porém não sahindo ella , e ouvindo elles tocar á Missa , porque era dia Santo , tapárão a toca , e ficando a cadella , e o coelho dentro forão á Missa. Voltando depois trouxerão huma alanterna , e huma véla ; e cavando mais fizerão o buraco maior de sorte , que o Nicoláo pode entrar dentro com a lanterna. Nesta narração ou ha impostura , ou incoherencia. Se para entrar a cadella com difficuldade foi necessario cavar a terra , alargando mais o buraco , a que respeito voltárão os rapazes com lanterna , e vélas para entrar dentro ? He claro , que quando elles pedirão lanterna , e vélas para entrar em busca do coelho já sabião , que havia dentro huma casa , ou concavidade aonde podião entrar com luz ; ou a lanterna , e vélas foi circunstancia accrescentada , ou os rapazes já sabião da tal casi-

nha. E se em tal caso o Author da Memoria dissesse, que os rapazes, quando cavarão para introduzir a cadella, puderão logo alargar tanto o buraco, que coubessem elles mesmos, e que tendo entrado na lapa, e vendo a grande concavidade forão buscar a lanterna; quando não fosse verdade, ao menos era crivel; mas dizer que fizerão hum buraco para introduzir a cadella, a qual entrou com difficuldade, e que elles forão depois buscar luz para entrar juntamente, bem se deixa ver, que isto não he coherente, e muito mais dizendo-se na Memoria, que só depois de vir com a luz cavarão tanto, até que o Nicoláo pode entrar, e chamar os outros, os quaes acharão o coelho vivo, não obstante estar a cadella com elle encerrada todo o dia na mesma toca.

Esta narração he inverosimil; e ajuntando agora os guardas, que se pozerão de dia, e de noite a guardar a cova antes de apparecer a Senhora, a qual só foi achada na tarde do dia terceiro, tendo hum manto de seda muito velho, côr de obrea desmaiada, e tornando logo a dizer, que o manto era azul forrado de encarnado, e que a Senhora não tinha cheiro algum, mas a lapa cheirava a almiscar; todas estas circunstancias causão suspeita, a quem considerar este facto judiciosa, e imparcialmente. E muito mais ainda, quando diz que a Imagem foi furtada, apezar da vigilancia dos guardas, sem se saber por quem; e que se achou na toca de huma oliveira, donde foi tirada, para se collocar aonde fora achada a primeira vez. Ora he preciso ser demaziadamente crédulo para não ver, que tudo isto cheira a manobra de algum impostor manhoso qualquer que fosse o seu fim. E quando menos, he preciso confessar, que o facto não tem

nada, que se possa dizer milagre. Porque he certo, que a Imagem foi alli mettida, fosse quem fosse, o que a metteo.

Não basta crer, que Deos póde fazer milagres quando, e como bem quizer, para se dever acreditar tudo o que dizem a respeito de milagres. O povo crédulo partindo deste principio: Que a Deos nada he impossivel, crê sem difficuldade todas as quimeras que lhe querem imbutir. Ninguem de bom senso duvída do poder de Deos; mas porque Deos póde tudo, não se segue, que faça tudo o que dizem os homens. Os impostores são muitos, e os nescios infinitos, e em Lisboa ha ainda mais fanatismo, do que nas provincias. Ha muitos homens muito doutos, e muito habeis em todas as classes, e em todos os ramos, mas ha muita gente nimiamente crédula; e o peor he julgarem mal de quem não pensa como elles. Tudo isto procede da falta de hum Prelado judicioso, e discreto nesta Capital. Devendo ser aquelle emprego occupado por hum Ecclesiastico, que fosse digno pelas suas luzes, e exacto no seu Ministerio!!! Mas em fim, deixemos de recordar males irremediaveis.

De tudo, o que fica dito segue-se por ultima conclusão, que Deos póde fazer os milagres, que quizer, e a favor de quem for da sua vontade: que póde conceder esta virtude aos seus Santos a favor dos seus devotos: que devemos orar aos Santos, para que elles, como amigos de Deos, roguem a Deos por nós: que devemos venerar as suas Imagens, não pelo que são, mas pelo que representão; que devemos venerá-los com o mesmo culto, e respeito devido aos seus originaes; mas que de nenhum modo devemos pôr a nossa confiança nellas, nem esperar dellas beneficio algum; e final-

mente, que não devemos fazer differença entre as Imagens do mesmo Santo, pois que devendo ser todas igualmente adoradas, porque todas representão o mesmo prototypo, não póde haver razão alguma para se dever adorar mais esta, do que aquella, nem esperar mais de huma, que da outra. Dizer o contrario ou he erro do entendimento, ou impostura, para fazer das Imagens instrumentos de negociação mercantil. Eu não ignoro, que vive muita gente á sombra das Imagens; sei que esta doutrina não ha de agradar a muitos; mas ella he a verdadeira, e diga cada hum o que quizer.

Huma das maiores recommendações, que o Concilio faz aos Bispos he, que tenhão todo o cuidado em desterrar os abusos, que póde haver na invocacão das Imagens; que evitem com o maior disvélo a superstição, que póde introduzir-se no seu culto, e sobretudo, que fação illiminar todo o lucro indecente, todo o injusto, e torpe interesse. = *Omnis superstitio in Sanctorum invocatione, in reliquiarum veneratione, & imaginum sacrarum usu omnino tollatur, & omnis turpis quæstus prorsus eliminetur.* = Esta he a doutrina da Igreja pura, sólida, e santa: e se os Bispos a fizessem observar, eu vos seguro que não havia de haver tanta impostura, nem tanta concurrencia ás Romarias.

Entretanto eu não prohibo, nem me toca prohibir as romarias; disse no meu Compendio o pouco fructo, que se tira dellas. Algum dia poderião ser meritorias pela boa fé, com que se fazião. As romarias he huma especie de peregrinação, e estes huma especie de penitencia. Quando ellas se fizessem a fim de mortificar o corpo, humilhar o espirito, e servir devotamente a Deos por intervenção dos seus Santos, eu as approvaria: porque es-

tou persuadido, que tudo o que se faz em boa fé, e com o fim de dar gloria a Deos, e aos seus Santos, sem mistura de outros objectos mundanos, nem prejuizo das outras virtudes, he louvavel, e meritorio; mas ir ás romarias por divertimento, fazer despezas com que senão póde, arruinar a saude, estragar a casa, e praticar outras maldades, que não he precizo dizer agora, eis-aqui o que reprovei no meu Compendio, e o que não posso approvar ainda. Senhor Dom Ambrosio, eu estou persuadido, que todos aquelles, que propugnão mais pelas romarias, são os que fazem menos. Os Fradinhos, que as inculcão tanto aos outros, não são os que as frequentão mais: elles contentão-se, e muito contentes com as Imagens dos seus Conventos, e não procurão, as que estão nos outros. Vós mesmo, que me chamais herege, porque impugnei as romarias, que dizeis que desmoralizo os povos, e perturbo a paz dos meus patricios, eu apposto que em toda a vossa vida nunca fosteis a huma romaria? Vós que tanto propugnais pelos templos, e festas dos Santos estou bem persuadido, que ainda não gastasteis hum vintem nestes dous artigos. Conheço bem o vosso humor, e sei que sempre gostateis de andar a cavallo em besta alheia, e espora de casa.

PARTE II.

Sobre a Oração, e o Jejum.

EU não devia passar ávante, porque esta primeira parte sahio maior, do que eu entendia, e para satisfação bastava; mas como prometti fallar tambem sobre a oração, e jejum, que fizerão o assumpto da vossa maliciosa carta, farei algumas observações, para descortinar cada vez mais a vossa hypocresia.

Quando eu disse no meu Compendio, que para satisfazer ao preceito de orar, e cumprir com a virtude da oração não era preciso estar toda huma manhã com a boca aberta na Igreja a mastigar orações, sem nenhuma consideração, foi porque me lembrei do que me sucedeo ha perto de trinta annos na vossa Igreja. Fora eu chamado para ir prégar a ella em hum dia de jubileo por hum Clerigo, que era o Juiz da festa, aonde fui hospedarme, e devia jantar. Tinha o bom Padre huma Irmã, a qual lhe regia a casa no interior, e estava encarregada de fazer promptificar o jantar. Porém como era Beata foi para a Igreja logo de manhã, e lá se deixou estar até findar a função por duas horas da tarde, de maneira, que quando viemos para casa, apenas achamos lume acceso, e huma panella com agua, que huma menina havia posto ao lume, esperando por sua ama. O Padre ficou vexadissimo, e começou a ralhar com ella: mas ella respondeo muito fresca, que em hum dia tão solenne não havia deixar as suas devoções para vir fazer o

jantar; que se comesse de assado, que isso depressa se fazia. O Padre, que estava afflicto menos por elle, que por mim, disse: Não tendes vós a culpa; a culpa he do vosso director, que vos manda estar toda a manhã na Igreja com a boca aberta a mastigar orações, sem nenhuma consideração faltando assim aos cuidados domesticos. Elle póde estar o tempo que quizer, que não tem que fazer em casa: nós trabalhamos para elle; e a criada he quem governa. Mas tu, e as outras tendes mais obrigações a cumprir, e mais cuidados a que attender. Eu não te prohibo as tuas devoções, mas em tudo deve haver modo. Então voltando-se para mim disse: Que lhe parece Senhor F. desta brincadeira! Nós todo o dia a confessar na Igreja, e eu em jejum por causa da Missa. São tres horas vimos jantar, e não haver nada que se coma, tendo eu tanto em casa! Ora isto só a páo. Eu, e minha Irmã, viviamos admiravelmente: ella arranjava o nosso jantar a tempo; olhava pela sua casa, e tudo hia bem; depois que veio este Parocho para a freguezia tem mettido mil scismas na cabeça destas mulheres, e mil desordens nas casas. Nem as mulheres fazem caso dos maridos, nem as mãis dos filhos, nem as filhas dos Pais, nem as irmãs dos irmãos. Querem confessar-se todos os dias, commungar com frequencia, e estar todo o dia na Igreja com a boca aberta; deixando arruinar as casas, e dando mil desgostos ás suas familias. E eu sei, que elle faz tudo isto por embofia, porque elle não he tal como se pinta.

Eis-aqui, Senhor Dom Ambrosio empenado, como a vossa corcunda vem de muito atraz, e lembrado eu deste facto escrevi no meu Compendio, aquella proposição, que tanto vos escandelizou. Se

vós procedesseis de boa fé não achariéis nella tanto escandalo. Verieis, a que fim se dirigia aquella interrogação, e não lhe torcerieis o sentido para querer maliciosamente comprehender nella aquellas orações, que a Igreja tem ordenado para o officio Divino, e funções Sagradas, e todas as mais que dizem respeito ao S. Sacrificio da Missa. Era necessario ser mui asno para reprovar d'hum golpe, e tão descaradamente Missaes, Breviarios, Rituaes, e todos aquelles livros Santos, de que a Igreja manda usar nas suas solemnidades. Como podia eu lembrar-me, quando proferi aquella proposição, de que havia de haver hum Diabo tão torto, e tão corcunda, que quizesse extende-la ás orações, que a Igreja ordenou, e o officio Divino, e as Horas Canonicas &c? Bem se deixa ver, que só hum hypocrita malvado podia interpetra-la neste sentido; e muito mais dizendo eu orações sem nenhuma consideração; e livrinhos de orações, que mais parecem colloquios entre dous amantes. Quem não vê qual foi o meu sentido, quando escrevi estas palavras? Quem não conhece, que a minha tenção foi só impugnar as orações daquellas mulheres, que estão toda a manhã na Igreja a mastigar Padre Nossos, sem consideração, nem attenção, e mesmo conversando em materias profanas, e outras com livrinhos, que não entendem, e orações que a Igreja não approvou, nem merecem ser approvadas? Quem não vê, qual foi o meu sentido, quando disse, que me não parecia justo, que huma Mãi de familias estivesse toda a manhã no seu oratorio a ler livrinhos, sem reflexão, nem intelligencia, abandonando inteiramente o cuidado domestico, e a educação de seus filhos? Será isto reprovar as orações da Igreja? As orações da Igreja não contém colloquios amo-

rosos; ellas costumão ser graves, e de hum estilo serio, varonil, e decoroso. E porisso nunca aquellas palavras do meu Compendio devião ser tomadas em sentido tão alheio daquelle, em que forão ditas: porque he evidente, que eu não tive em vistas outros livros, que aquelles que apparecem nas mãos das Beatas compostos por alguns hypocritas, que pertendem ostentar de misticos, e que pela maior parte estão cheios de Soliloquios amorosos, e de Jaculatorias similhantes ás canções profanas. Eisaqui o sentido da minha doutrina; eisaqui as pessoas, e orações sobre que fallai, e não daquellas, que a Igreja tem adoptado para celebrar as suas festividades, e dirigir a Deos as suas preces em qualquer tribulação, ou necessidade.

Alem disto nos primeiros Seculos da Igreja não havia esses livrinhos, de que fallei, e nem porisso deixava de haver pessoas virtuosas. Os Ermitas, Solitarios, Anachoretas, e Monges, e todos aquelles Varões justos, que povoárão os dezertos, e occupárão os mosteiros não tinhão esses livrinhos, nem tinhão outras orações, que os Psalmos para cantar, o Padre Nosso para orar, a Biblia para estudar, e os Misterios da Redempção para meditar.

Demais, eu não impugnei o orar, como vós falsamente me arguis, eu impugnei o excesso de orar, orar sem consideração = *Omnia tempus habent* = Tudo tem seu tempo, e em tudo se quer modo. Porque he necessario orar, não he precizo estar todo o dia em oração. Eisaqui a doutrina expressa do meu Compendio. Todo o homem deve louvor a Deos, e pedir-lhe os dons necessarios para viver bem: mas porque he necessario orar, será preciso estar todo o dia em oração? Vós agora

dizeis, que esta doutrina, he erronia, he dissonante, he heretica. Mas que achais vós de mal nesta doutrina tão conforme a razão? Porventura os dous textos, que citasteis = *oportet semper orare* = *sine inter missione orate* = deverão ter essa intelligencia? Paraque vos metteis a citar textos, que não entendeis? Lede a Duhamel, e vereis, qual deve ser a intelligencia desses textos. Lede a S. Agostinho *Hæresi*. 54, e achareis, que adoutrina contheuda na pagina 15 da vossa carta he amesmissima dos Euchitas, condenada pela Igreja, os quaes tambem pertendião, como vós, que a oração deve ser continua. S. Agostinho explicando estes dous textos diz assim: que para cumprir com o Espirito do Evangelho, e com a doutrina de S. Paulo não he precizo estar sempre a orar; que basta todos os dias se tenha hum determinado tempo de oração = *Duhamel super Luc.* = *Sanissime accipitur, quod nullo die interponatur aliquod tempus orandi* = Atéqui entendo eu que he preciso orar, e orar todos os dias; mas estar sempre em oração nem he preceito, nem concelho, nem possivel. Se os Appostolos estivessem sempre a orar, como poderião fazer os progressos que fizerão? Se David estivesse sempre a orar como poderia governar o seu Reino? Todos somos obrigados a orar, mas nem todos estão nas mesmas circunstancias, para orar as mesmas vezes, e o mesmo tempo. O Monge que não tem mais nada a fazer pode orar sete vezes no dia, e sete vezes de noite; a Freira que não tem mais em que cuidar esteja muito embora todo o dia no choro; mas eu quando escrevi o meu Cidadão Lusitano não foi para modelo de Frades, e de Freiras, mas de hum Cidadão perfeito, que deve saber dar a Deos o que he de Deos, ao Rei

o que he do Rei, á Patria o que he da Patria, aos seus concidadãos o que lhe pertence, e a si, e aos seus o que lhe compete. E porisso, como tem tanto a fazer, e tantas obrigações a cumprir, se estiver todo o dia em oração, de certo não as póde cumprir, nem póde ser bom Cidadão, salvo se vós sois de parecer, que a devoção he primeiro que a obrigação: como ha poucos annos sucedia em Lisboa com certo figurão da primeira ordem, e que então occupava hum dos primeiros empregos do Estado, o qual tinha devoção de se confessar, e comungar frequentemente, e algumas vezes dous dias na semana; e no dia em que comungava e não fallava a ninguem sahia logo o escudeiro dizendo: = Sua Excellencia não falla hoje, porque comungou. = Se vós achais na vossa razão, que todos os homens públicos devem fazer o mesmo, posso dizer-vos sem escrupulo, que he huma razão de cabo d'esquadra.

Agora direis vós: mas essas horas, ou esse tempo que cada hum he obrigado a orar todos os dias hade occupar-se ou meditando, ou resando as suas devoções pelos seus livrinhos; e por isso os veni mecus, e vade mecus não merecem negra censura. Sim Senhor, eu não prohibi, nem prohibo similhantes livros; e sómente disse que não erão necessarios. Huma cousa he dizer, que não são precizos, outra que se devem prohibir. Eu digo, que para cumprir com a virtude da oração, e satisfazer ao preceito de orar (isto deve entender-se da oração vocal, porque na mental não se mastigão orações; e eu não fallei dessa, que reconheço ser a melhor para quem souber meditar) basta a oração do Padre Nosso; e a razão em que me fundo he na lição do mesmo Mestre Jezu Christo.

Diz S. Lucas: que hum dos Discipulos lhe pedio, que os ensinasse a orar; e S. Matheus referindo o mesmo artigo diz assim: quando quizeres orar entra no teu oratorio, e fechada a porta ora ao Pai Celeste em particular. Quando orares não queiras fallar muito, como fazem os Pagões, que julgão, que por muito fallar hão-de ser ouvidos mais depressa. Vosso Pai que está no Ceo não necessita de muitas palavras para entender. Elle sabe muito bem, o que precizais, ainda antes de lho pedir. Portanto a vossa oração seja assim. *Pater Noster* &c. Eisaqui a lição, que Jezu-Christo deo aos Seus Discipulos, e eu não sei que se possa ensinar huma oração nem mais energica, nem mais Santa, nem mais compendiosa. Procurai por esses livrinhos quantas orações quizerdes vós não achareis huma, que possa exceder-lhe, e nem ainda igualar-lhe. Não se pode dizer mais em menos palavras! E se o mesmo Divino Mestre reprova o muito fallar na oração, porque me condenais a mim quando ensino a mesma doutrina? Vós mesmo confessais com S. Agostinho, que a ninguem he permittido sahir dos limites desta oração; que se pode dizer por outras palavras, com tanto que se não diga outra cousa. E eu disse, que a oração do Padre Nosso era sufficiente para cumprir com o preceito de orar, e porisso que não erão necessarios tantos livrinhos de oração: mas não disse que era ilicicito usar delles, como vós dizeis com S. Agostinho = *Nós ab hujus petitionis limitibus nequaquam egredi fas est* = Isto em bom Portuguez quer dizer que de nenhum modo nos he licito sahir dos limites desta oração.

Portanto a vossa doutrina condemna as outras orações muito mais que a minha. Eu digo, que

orando com devoção he suficiente a oração do Padre Nosso. Esta doutrina he tão velha, que a Cartilha do Padre Mestre Ignacio diz assim: que para saber bem pedir basta saber o Padre Nosso, e Ave Maria. Com o Padre Nosso oramos a Deos e com a Ave Maria a Sua Mai Santissima. E sporisso disse, que a oração do Padre Nosso era suficiente, e por consequencia que não erão necessarios tantos livrinhos de oração. Vós agora reprovando a minha doutrina, como heretica, dizeis, que não he licito usar de outras orações, as quaes se não comprehendão nos limites desta. Que se pode orar com outras palavras, mas que hãode dizer o mesmo. Ora isto he dizer mais do que eu digo. Eu disse, que não era necessario dizer outras orações, mas não disse qne era illicito dízellas; e vós com S. Agostinho dizeis que he illicito dizer outras, que não sejão essencialmente a mesma. Eisaqui porque digo, que não entendeis Latim; que sois hum contraditorio de vós mesmo; que não sois mais, que hum embrulhador de ideas obscuras, envolvidas em huma vaidade maliciosa levada ao galarim da hipocrezia.

De tudo o que tenho dito segue-se: 1.º que para orar a Deos basta a oração do Padre Nosso, a qual se póde repetir algumas vezes no dia; e sendo dita com attenção, humildade, reconhecimento, respeito, e devoção he sufficiente para cumprir com o preceito de orar, e orar sempre, segundo o Espirito do Evangelho. 2.º Que para orar não he preciso dizer mais palavras, do que ella contém, porque nella se encerra tudo quanto se póde pedir, e tudo o que se precisa para a nossa felicidade presente, e futura. 3.º Que para orar bem não são precisas muitas palavras, e muito menos ditas sem respeito, nem consideração, como bem declara o

Espirito Santo por boca do Sábio: *Ne temeré quid loquaris, neque cortuum sit velox ad proferendum Sermonem Coram Deo: Deus enim in Cœlo, & tu super terram: idcirco sint pauci sermones tui.* = Eccles. c. 5. Isto em bom Portuguez quer dizer ,, Que não sejamos atrevidos em fallar sem reflexão, nem ligeiros, e indiscretos, quando fallarmos com Deos. Que nos lembremos que Deos está no Ceo, e nós sobre a terra (isto quer dizer) que consideremos o grande respeito, com que devemos fallar com Deos, attendendo á differença que vai do Creador á creatura: elle glorioso no Ceo, mas presente em toda a parte, e nós cubertos do pó da terra, e huns tristes vermes comparativamente á sua grandeza. ,, E por isso que as nossas palavras sejão poucas, e essas bem acertadas. ,, E como não ha oração alguma melhor ordenada, nem mais conforme ao respeito, que se deve a Deos, por isso digo, e direi sempre, que ella he a mais excellente, a mais perfeita, e bastante para cumprir com o preceito da oração, como já disse. 4.º Daqui não se segue, que eu prohibisse no meu Compendio as orações, que a Igreja tem ordenado para orar a Maria Santissima, e outros Santos, e todas as mais, que compõe o Officio Divino, o Breviario, o Missal, e Ritual; porque, além de não fallar a este respeito, eu disse mui claramente, que erão desnecessarios aquelles livrinhos de orações, que em lugar de palavras decentes, graves, e respeitosas parecem mais huma especie de colloquio entre dois amantes, como vemos a cada passo em alguns livrinhos compostos por Devotos indiscretos: o que não acontece nas orações da Igreja, aonde respira a gravidade, e o decoro devido á Magestade Divina. 5.º Que eu escrevi o meu Compendio para instrucção dos Cida-

dáos menos illustrados, e que tem mais deveres a cumprir, de que aquelle de estar todo o dia em oração, e não escrevi para Frades, Freiras, e Clerigos que pela maior parte não tem outros affazeres, do que orar, meditar, dizer Missa, e rezar. E por isso dizendo vós, que eu prohibo as orações da Igreja, o Officio Divino, e a devoção da oração, quando ella se faz com respeito, attenção, e humildade, mentis, e mentis tantas vezes quantas palavras dissesteis. Donde se vê, que sois muito velhaco, muito torto, e muito malvado; que não tivesteis em vistas outro fim, mais do que desacreditar-me, misturando huma ignorancia affectada, com huma hypocrisia refinada.

Em quanto ao preceito da abstinencia, de que fallais na ultima parte da vossa Carta; se tendes dito muita asneira nas outras, aqui acabasteis de coroar a obra; porque com effeito he muita asneira junta, e asneiras de maior calibre! Porém acho esta differença, que nas outras duas partes apparece mais malicia, que ignorancia, e nesta mais ignorancia do que malicia, se bem que tem de huma, e outra a sua dose competente.

Na pag. 19 mentis, Senhor Dom Ambrosio, quando dizeis, que eu dissera no Compendio, que o preceito da abstinencia repugna á prática dos Apostolos. Se eu pudesse provar essa repugnancia acabada estava a questão. A que fim confundis vós a verdade com a mentira? Não he isto querer de proposito insultar a mesma verdade? Eu disse na pag. 64. = Não consta, por documento algum dos primeiros seculos, que os Apostolos prohibissem o uso da carne. = isto he muito differente, do que dizeis na vossa Carta. Huma cousa he dizer, que não consta, outra dizer que repugna. Eu digo que não cons-

ta, por documento algum, este preceito; a vossa obrigação era mostrar esse documento, extrahido dos primeiros seculos. Então teriaeis razão para me arguir de ignorante; mas arguir-me do que não disse, fóra Torto! fóra Velhaco!

Na pag. 20, e 21 dizeis, que confundi o objecto das leis positivas. Aqui observo mais ignorancia do que malicia. Primeiramente misturais a lei positiva Divina, com a humana quando devieis advertir, que eu só fallei da lei humana, e que disse mui claramente, que quando a lei emanava da Divindade ou fosse por boca de Jesu Christo, ou dos seus Apostolos, ou ainda por tradição da Igreja deduzida dos primeiros seculos, qualquer que fosse a sua doutrina devia respeitar-se, porque tudo, o que Deos disse deve adorar-se, ainda que não possa comprehender-se. E por isso a lei Divina, ou seja natural, ou positiva não he comprehendida na explicação do meu systema. A minha tenção foi só a respeito das leis positivas humanas, e muito especialmente das leis Ecclesiasticas.

Vós agora confundindo as humanas com as Divinas dizeis, que todas as leis positivas ou sejão Divinas, ou humanas mandão, ou prohibem só aquillo, que de sua natureza he indifferente; porque aquillo, que de sua natureza he bom, ou máo pertence á lei natural. E tirais por consequencia, que sou ignorante, porque não ha lei positiva, que não vérse sobre objectos indifferentes. Assim se lê na pag. 21. Ah que delRei, Senhor Dom Ambrosio! dizeis destas, e sou eu o ignorante, e vós o sábio!

Ora dizei meu Pantalão empenado, a Lei da Missa nos dias Santos he natural, ou positiva? Assistir á Missa será de sua natureza indiferente? A Lei

da Confissão he natural, ou posetiva? Confessar, ou não confessar será de sua natureza indiferente? Ora confundete malvado corcunda, reconhece o teu erro, e não insultes, aquem nunca te offendeo.

Mas como vós dizeis, que não entendeis bem o meu pensamento, eu me explico melhor. No mundo moral pode hum objecto ser bom, ou máo, ou indiferente. O bom pode ser bom de sua natureza, ou relativo ao seu fim, e assim o máo. O que he bom, ou máo de sua natureza he objecto de Lei natural; o que he bom, ou máo relativo he objecto de Lei posetiva. A Lei posetiva pode ser Divina, ou humana. A Divina ou confirma a Lei natunal, e serve para lhe dar mais valor (como quando dizemos Direito natural, e Divino) ou manda, ou prohibe, tudo o que he bom, ou máo relativo. A Lei Divina, ainda que o seu objecto á primeira vista parece frivolo, nunca se pode dizer inutil, ou nescia, porque o Legislador Supremo não póde errar, e porisso disse no meu Compendio, que tudo o que Deos mandou deve a dorar-se, ainda que se não cemprehenda. Porem a Lei humana posto que deve ter por objecto mandar o bem. e prohibir o mal, relativamente, como a Divina, com tudo algumas vezes aberra da Lei natural, e Divina, e ordena algumas cousas indiferentes, e que não tem outro merito, do que ser mandadas, nem outro demerito doque ser prohibidas. A estas cousas assim prohibidas chamão os Theologos = *Mala quia prehibita* = Destas he que eu fallei no meu Compendio = dizendo qne como o seu vicio só depende da prohibição, em quanto existir a Lei devemos obedecer; mas quando a Lei versa sobre objectos indiferentes não tem tanto valor, como oc-

culto lhe costuma dar. Vós agora dizeis, que não entendeis esse sentido: mas elle não he muito escuro. Ora attendei. Por exemplo, comer carne, ou peive he de sua natureza indifferente; a prohibição da Lei he quem faz este acto criminoso. E qual será maior crime matar hum homem de proposito, ou comer carne á sexta feira? pois verieis ategora que o povo olhava com mais horror para o que comia carne, doque para o homecida. Outro exemplo: beber hum cópo d'agua antes de dizer Missa he de sua natureza indiferente. Mas o povo olharia com mais aversão aquelle, que tivesse bebido, do que áquelle que tivesse furtado huma bolça. Ora aqui tem, Senhor Dom Corcunda, a razão porque disse, que quando o objecto prohibido he só máo por ser prohibido, devemos sim obedecer á Lei, em quanto existir em seu vigor, mas que não a tenho naquella concideração, em que a tem o vulgar; e entendo que não faço nenhuma injuria á Igreja; porque quando as Leis são disciplinares podem ser alteradas, como de facto tem sido. São Leis meramente humanas, e sujeitas a mudança, segundo as circunstancias. Os Papas approvarão em outro tempo de boa fé as Religiões mendicantes, julgando que o pedir era huma grande virtude: hoje talvez não se approvassem, porque voga a opinião, que he melhor virtude o dar.

Na pag. 21, e seguintes pertendeis, que a Lei d'abstinencia he Divina, e que he essencial ao Jejum. Esta proposição não merece a pena de ser combatida, porque he costume antiquissimo da Igreja dispensar-se o uso da carne, ficando em seu vigor a Lei do Jejum. O que não podia ser de modo alalgum, se a abstinencia fosse essencial: nem os Papas poderião dispensala, se ella fosse de direito Di-

vino. E porisso tudo quanto escrevesteis desde a pag. 21. ate o fim he tudo huma enfiada de despropositos, em que quizesteis ostentar de acarretar muitos textos, mas todos mal entendidos, e peior applicados.

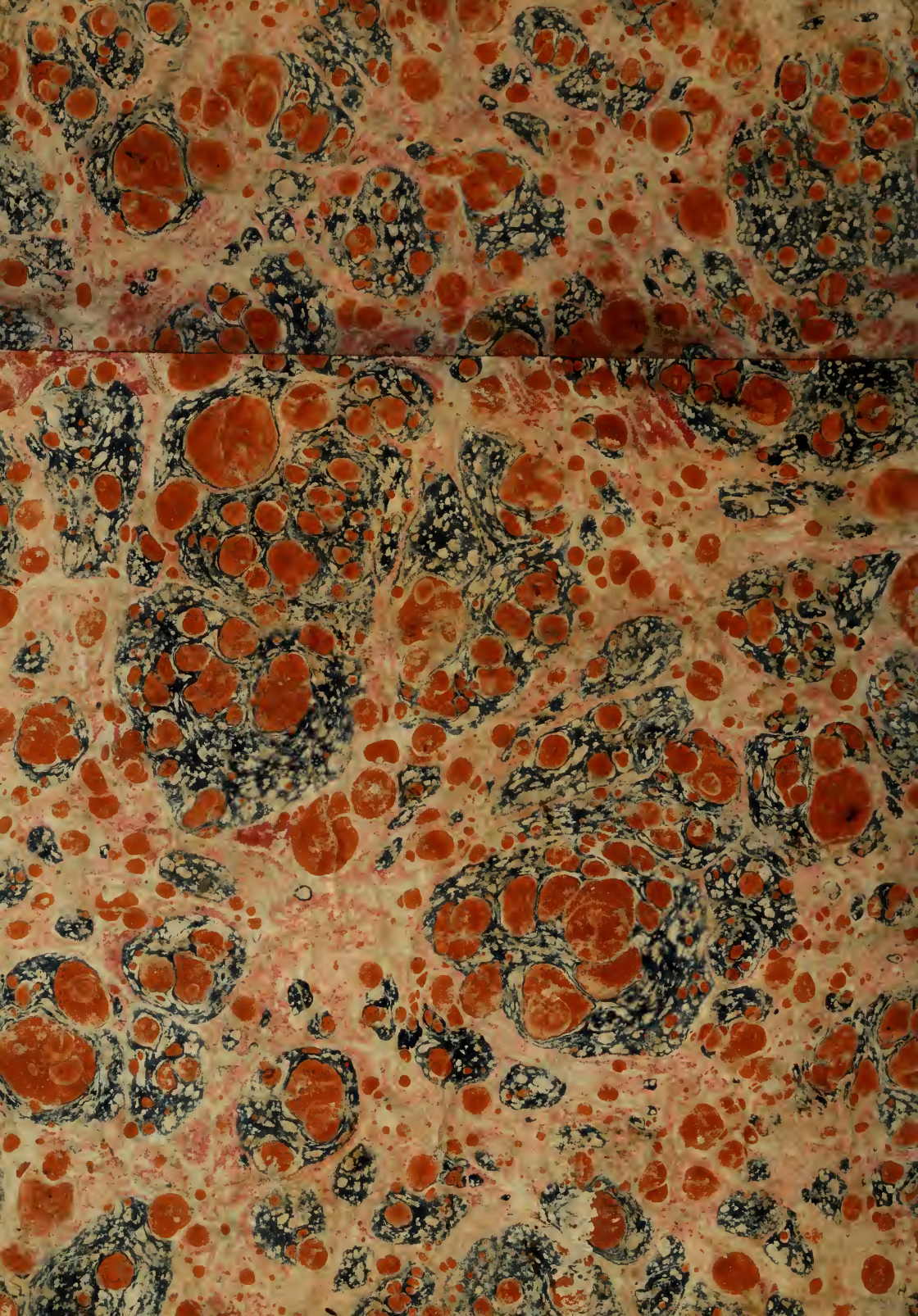
Dizeis, que o texto, que eu alleguei = *Quot intrat per ós non conquinat hominem* = não se deve entender da comida, mas só a respeito dos Apostolos não lavarem as mãos; e accusais-me de ter eu dito, que este lugar se entendia com os Apostolos, tendo sido a questão com os Escribas, e Fariseos. He verdade, que a questão principiou com os Fariseos sobre os Apostolos lavarem, ou não as mãos; mas depois tomou outro destino, e proseguio sobre outro objecto. Jesu Christo convocou as turbas, e começou a dizer-lhes = Não he o que entra pela boca, o que mancha o homem he o que sahe. O que sahe da boca procedente do coração (diz Duhamel) he o que mancha o homem.

Além disto: logo no mesmo Capitulo se diz, que os Discipulos lhe perguntárão, que queria dizer aquella parabola = *Respondens autem Petrus dixit: ediscere nobis parabolam istam:* = Então o Senhor, fallando a seus Discipulos em particular, disse-lhes = O que entra pela boca não mancha o homem, porque desce logo para o ventre, e dalli sahe por onde deve sahir: o que mancha o homem são os máos pensamentos, as más palavras, e as más obras &c. Ora bem se deixa ver, que o Senhor fallou aqui de todo o comer em geral, porque este he só o que desce para o ventre, e não as mãos. Só se a vós os dedos vos parecem hospedes, o que costuma succeder aos Sovinas, v. g. Porém se ainda tendes dúvida lede a S. Marcos no Cap. VII. o qua diz: assim = *Non intelligitis, quia omne extrinl secus introiens in hominem non potest eum coinqui*

nare? quia non intrat in cor ejus, sed in ventrem vadit, & in secessum exit purgans omnes escas? Ora meu Padre zarolho, estais ja desenganado? Falla aqui JezuChristo de todo, e qulquer comer, ou falla só das mãos sujas? Ah quem te sujára o nariz bem sei eu com que!

Na pag. 28. he notavel a volta que dais no meu Compendio a respeito do escandalo. Bem digo eu, que não entendeis o Portuguez. Tivereis dito isso á mais tempo, que podiamos fallar castelhano. Eu digo no meu Compedio, que segundo a lingoagem do Apostolo o peior mal he o escandalo. Os fieis vendo comer carne nos dias prohibidos escandalisão-se, e ficão chamando hereges, aos que a comem: e que para evitar este escandalo seria bem, que se dispensasse a Lei da abstinencia, ficando em seu vigor a Lei do Jejum. Vos agora torceis o sentido, e dizeis que da observancia da Lei não póde resultar escandalo = *ibi pag.* 29. = como se da observancia da Lei podesse resultar escandalo! = Hé preciso estar bem asno para dar este sentido ao meu Compendio! Dizei-me, corcunda mór, quem costuma escandalizar-se, os que comem a carne, ou os que a veem comer? quem são os que dão o escandalo, os que a não comem; e guardão a Lei, ou aquelles que a infringem? Ora, quem não entende esta lingoagem ter o atrevimento de querer glosar huma doutrina tão clara, he desaforo! Que osada es la ignorancia, Senhor D. Ambrosio! Em fim eu ja estou farto de responder a tantos delirios; mas não posso deixar de notar, aquelle periodo na pag. 31. aonde diz: era hum lucro para a libertinagem, e para a impiedade; e huma ferida incuravel na Igreja, se se dispensasse a Lei da abstinencia. E hum Diabo destes falla ainda por este

modo vendo, que a Lei ja foi dispensada por muitas vezes em Portugal, e actualmente se acha concedida esta graça por seis annos! Eu porque disse que se deveria pedir ao Papa a dispensa sou atrevido; e tenho filancia; e vós arguindo o Papa por haver dispensado, e lamentando a perda da Religião, a ruina do moral, e a chaga incuravel da Igreja por causa desta dispensa sois hum Santinho? Sim, e tão fiel á Igreja, e tão obediente ao seu Chefe, que as suas graças na vossa consideração são raios, e trovoadas, que devem arrasar a vinha do Sr. O'que homem! que homem! tão amigo da Igrja, e tão defensor da Religião! com justo motivo deveis esperar huma mitra, e quando esta vós falte podeis muito bem esperar huma albarda. Eu acho, que vos ha-de ficar melhor; visto que dais tantos pinotes para traz, tantas patadas para diante, e que mordeis para ambos os lados.

Agora sómente resta dizer-vos, que eu quando escrevi o meu Compendio não me propuz fazer hum Simbolo de fé. Disse, o que entendia com a sinceridade, e candura que me he propia. Esperando, que os homens sensatos darião alguns descontos á minha franqueza, porque se costumão dar sempre aquaesquer escriptos, ainda áquelles da primeira ordem. Aquelle, que pensa achar obra sem defeitos pensa muito mal. O homem prudente attende só ao fim do Escriptor, e despensa os defeitos triviaes. Emquanto aos artigos concernentes á Religião o Compendio falla por si, não lhe torção o sentido, e lea-se com alguma reflexão, que estou persuadido, que nada hade apparecer repugnante á virtude, nem contrario ao essencial da Religião.

FIM.